36-2E

Ano XIV — Lisboa, Março de 1958 — N.º 155

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

NÚMERO AVULSO 1$50

Assinaturas { De 12 números 18$00 / De 6 números 9$00

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Trav. de Vitorino de Freitas, 9
LISBOA — 3
TELEFONES:
Red. 636607—Admin. 638849

COMP. E IMP. OTTOSGRÁFICA, LTD. / C. BARÃO, 50 ● PROPRIEDADE DO CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA (EM ORGANIZAÇÃO)

MEDITAÇÃO DA PÁSCOA

CRISTO ou BARRABÁS?

PELO REV. SAUL DE SOUSA

Cada homem tem o direito de escolher. Se assim não fora, não seria um ser livre. Constantemente estamos no livre uso desta faculdade, que nos foi concedida por Deus: Escolher.

Quando escolhemos uma coisa, preterimos outra, está claro. Assim escolhemos estudar ou passear, falar ou estar calado, fazer isto ou aquilo, os nossos amigos, a companheira ou o companheiro dos nossos dias, etc.

Mas, se escolher é um grande privilégio, não é menor a responsabilidade. Não se trata, portanto, de escolher, mas de saber escolher. Eva, nossa mãe, escolheu. Mas teria ela escolhido bem, dando ouvidos à voz do tentador? Não entraremos em cogitações sobre a liberdade e o determinismo, que tanto trabalho têm dado aos Filósofos e aos Teólogos. Não terçaremos armas em defesa de um princípio ou de outro. Nem discutiremos se a liberdade que possuímos é limitada ou não. Isso não altera o problema. O que nos interessa agora, de momento, é saber que a liberdade, ou melhor, o livre-arbítrio, implica a possibilidade de cada um, perante Deus, poder decidir-se. Portanto, uma escolha para ser sàbiamente feita tem de ser em responsabilidade perante Deus.

Cada pessoa tem, pois, diante de si, còmo que os montes Garizim e Ebal, respectivamente, a benção e a maldição. Tal como os israelitas temos de decidir-nos, fazendo a nossa escolha. «Eu chamo hoje por testemunhas o céu e a terra, de como vos propus a vida e a morte, a bênção e a maldição. Escolhe pois a vida, para que vivas tu, e a tua posteridade» (Deuteronómio XXX, 19) Assim o disse outrora Moisés.

Passados anos, Josué repete o mesmo por outras palavras: «Escolhei hoje o que mais vos agradar» (Josué XXIV, 15). Por um momento, parece que escolheram o Senhor, ou desejavam escolhê-Lo, pois disseram: «Serviremos ao Senhor» (Josué XXIV, 21). Mas foi sol de pouca duração...

Mais tarde, vamos encontrar Elias lançando em rosto do povo a sua infidelidade, dizendo: «Até quando claudicareis vós para duas partes? Se o Senhor é Deus, segui-O; se porém é Baal, segui-o. E o povo não lhe respondeu nem uma só palavra» (3.º Reis XVIII, 21). E só depois de verem o milagre do fogo que devorou o holocausto é que disseram «O Senhor é Deus, O Senhor é Deus» (3.º Reis XVIII, 38).

Mas reconheceram eles verdadeiramente que Deus era o único Senhor? Infelizmente, não.

Junto da varanda de Pilatos, este mesmo povo, muitos séculos depois, fez de todas a pior escolha: pede em altos gritos que Jesus seja crucificado. Debalde Pilatos interroga: «Mas que mal fez ele?» — que a resposta é — «crucifica-O».

Pilatos testifica que não acha em Jesus crime algum digno de morte, porque o considera justo. E a isto lhe respondem: «Se este não fosse malfeitor não to entregaríamos. O seu sangue caia sobre nós e sobre nossos filhos».

Então Pilatos põe diante dos judeus um dilema: ou Jesus ou Barrabás. Certamente, pensaria ele, por mais ódio ou inveja que tenham

(Conclui na última página)

ANTIGOS ESCOTEIROS

Secções

Já se encontram em organização as nossas Secções de Filatelia e de Campismo, as quais esperam a adesão de todos os Antigos Escoteiros interessados, que se poderão inteirar dos objectivos destas organizações na nossa Sede, Rua de S. Paulo, 254-1.º, às terças e sextas-feiras.

Dia 23 de Abril

Para comemorar esta data, pretende a Fraternal levar a efeito um almoço de confraternização entre os Antigos Escoteiros.

O referido almoço realizar-se-á, possìvelmente, no Domingo 27 do mesmo mês, em local ainda a escolher, que será forçosamente modesto de molde a permitir que o maior número de Antigos Escoteiros possa nele participar.

Para que possamos calcular qual o local que deva ser escolhido, pedimos a todos o favor de fazerem a sua inscrição provisória, com a maior brevidade, pelos telefones 21353 (Sede) e 367373.

Sede

A nossa Sede encontra-se à disposição dos Antigos Escoteiros, todas as terças e sextas-feiras, das 21.30 às 24 horas.

A Direcção reune nas primeiras e terceiras quintas-feiras de cada mês, e terá todo o prazer em receber a visita de todos os consócios.

Página da Fraternal

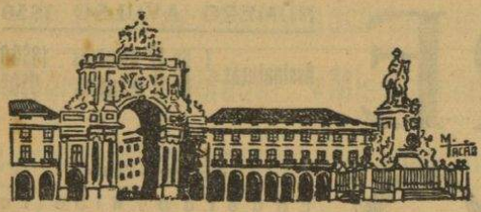
De acordo com o jornal «Sempre Pronto», a partir do próximo mês passaremos a dispor de duas páginas dedicadas a assuntos da nossa Fraternal, para o que solicitamos desde já toda a colaboração possível para esse fim.

A DIRECÇÃO

Dr. Alfredo Tovar de Lemos

Este nosso ilustre amigo, Presidente da Fraternal dos Antigos Escoteiros, tem registado boas melhoras da sua saúde e encontra-se já em sua casa.

Sinceramente lhe desejamos um pronto restabelecimento.



O ESCOTISMO NA CAPITAL

Aniversário de Baden-Powell

A fim de comemorar o 101.º aniversário do Fundador, o Grupo n.º 94 realizou a sua primeira actividade de campo deste ano, no dia 23 de Fevereiro passado.

Os Escoteiros saíram da sede em duas patrulhas, com o intervalo de meia hora, tendo a Águia traçado uma pista que a Cão seguiu, reunindo-se de novo na Cruz das Oliveiras, onde realizaram vários jogos e reunião de patrulhas.

Esteve no mesmo local em exercícios o Grupo n.º 8, tendo ao fim da tarde reunido os dois grupos e efectuado um jogo em conjunto.

Registou-se a presença de muitos novos elementos nos dois grupos, sinal interessante de progresso destas unidades evangélicas.

Grupo n.º 53

Este grupo de escoteiros comemorou em 16 do corrente o 24.º aniversário da sua fundação, data que passou em 1 de Dezembro último e que só agora pôde ser assinalada. De manhã, no templo da Igreja Lusitana de S. Paulo, realizou-se um culto de acção de graças, no qual o Rev. Eduardo Moreira proferiu uma mensagem sobre o versículo. «*Ensina-nos a contar os dias de tal forma que alcancemos corações sábios*». Durante este culto, prestaram promessa os novos escoteiros: José Manuel Correia, António Correia da Silva, José Ilário Sanches e Fernando Condeças.

Ao acto religioso assistiram as Guias da Companhia Filipa de Vilhena, escoteiros dos grupos n.ºs 2, 8, 10, 79 e 94, e os respectivos chefes.

À tarde, na sede, realizou-se uma sessão solene a que presidiu o Rev. Moreira, secretariado pelos srs. Henrique de Azevedo, representando a A.E.P.; Eduardo Quintino Pinheiro, vice-presidente da Direcção da Fraternal; Carvalho, representando os pais dos escoteiros, e o Chefe do Grupo.

Durante esta sessão prestaram promessa os novos e primeiros lobitos do 53, João Correia da Silva, Carlos Simões, Henrique Pires de Lino, João Guimarães e João Maria Figueiredo.

O Caminheiro Carlos Daciano de Carvalho, que dirige a Alcateia em formação, fez uma palestra sobre Lobitismo.

Foi condecorado o Rev. Eduardo Moreira

Por proposta do Grupo 53, a Direcção dos Escoteiros de Portugal conferiu ao Rev. Eduardo Moreira a medalha de agradecimento, classe ouro, em reconhecimento pelos relevantes serviços prestados ao Escotismo e ao Grupo 53. O Rev. Moreira, que é um dos mais antigos Escoteiros de Portugal, foi o primeiro Secretário Geral da A.E P. e Comissário Regional do Porto, é ainda hoje Vice-Presidente do Conselho Nacional da Fraternal dos Antigos Escoteiros, tem dedicado todo o carinho ao Movimento, nunca recusando a sua colaboração, encaminhou para o Escotismo e Guidismo os seus três filhos, pelo que merece, de facto, o «agradecimento» dos Escoteiros de Portugal.

«Sempre Pronto» associa-se à homenagem prestada e apresenta felicitações ao Rev. Eduardo Moreira.

As comemorações prosseguiram durante a semana com diversas actividades na sede.



Grupo n.º 60 — Vila Real de St.º António

Homenagem ao Comandante dos Bombeiros

Em 12 de Janeiro, o «60» associou-se com todo o efectivo à cerimónia da entrega ao Sr. Luís Cardoso de Figueiredo, prestigioso Comandante dos Bombeiros Voluntários locais, da medalha de ouro com 2 estrelas da Liga dos Bombeiros, incorporando-se no desfile posteriormente realizado, em que tomaram parte cerca de 300 bombeiros de vários pontos do País e numerosas viaturas.

O Grupo efectuou em 22 de Fevereiro a sua primeira actividade de campo deste ano, bivacando na mata local. Os escoteiros, que mais recentemente prestaram Compromisso, prepararam-se neste bivaque para o tirocínio de provas de 2.ª classe. — *C.*

Livros indispensáveis a todos os Dirigentes e Guias de Patrulha

De Baden-Powell:
ESCOTISMO PARA RAPAZES .. 20$00
De Roland Philipps:
O SISTEMA DE PATRULHAS... 5$00
Provas de 3.ª classe:
PARA SER ESCOTEIRO ..... 3$50
Provas de 2.ª classe:
SEMPRE PRONTO ..... 5$00

À VENDA
SERVIÇO DE MATERIAL E UNIFORMES DA A. E. P.
e na Redacção do «Sempre Pronto»
(Pelo correio acresce o porte)

Resultados de uma pequena boa acção

Os escoteiros da América contam actualmente mais de um milhão de membros, (1) entre dirigentes e membros do conselho e comissários.

Isto é muito e foi um escoteiro inglês a causa primária deste movimento, em Londres, há mais de vinte anos. Este escoteiro, para fazer a sua boa acção diária, ofereceu-se para indicar o caminho a um senhor. Quando este estrangeiro quis pagar este serviço ao rapaz, este naturalmente retorquiu: «Não, senhor, muito obrigado. Eu sou escoteiro!»

«Escoteiro! Mas o que é isso?» O estrangeiro nunca ouvira falar disso. Perguntou ao rapaz o que era o escotismo e acabou por ir visitar a sede central escoteira de Londres. Aprendeu, nessa ocasião, tudo o que pôde a respeito de Escotismo.

Era um americano.

De volta à sua pátria, contou por toda a parte a história desta maravilhosa confraria de escoteiros, prontos a fazer boas acções a todos os que tivessem necessidade de auxílio, não aceitando qualquer recompensa.

A ideia teve um êxito fulminante na América e grupos se fundaram por toda a parte nos Estados Unidos.

Eu fui lá em 1912 e falei em cerca de vinte lugares; hoje, há quase tantos escoteiros lá como no resto do mundo.

Eis o resultado de uma pequena boa acção feita por um escoteiro.

Os Escoteiros da América, como agradecimento, ofereceram aos escoteiros ingleses um bisão americano dedicado ao Escoteiro Desconhecido e o Príncipe de Gales inaugurou esta estátua em Gilwell Park, onde ela foi eregida.

BADEN-POWELL

(1) N. da R. Em 1957, havia nos E. U A. 3.200.000 escoteiros. Recomendamos a leitura do artigo «O Grande Acampamento» nas «Selecções», Fev./958

MÁQUINAS DE ESCREVER SOMAR E CALCULAR
NOVAS E USADAS
VENDAS COM FACILIDADES DE PAGAMENTO
ALUGUER DE MÁQUINAS DE ESCREVER
OFICINA DE REPARAÇÕES
COM PESSOAL ESPECIALIZADO
ORÇAMENTOS GRÁTIS



QUINTINO, L.DA
RUA DA PRATA, 141, 2.º
TELEF. 36 73 73
LISBOA

Torneio Inter-Bandos «Roberto Moreton»

Os lobitos dos grupos n.ºs 8, 10 e 94 realizam no Domingo, dia 23 de Março corrente, pelas 15 horas, no ginásio da Associação Cristã da Mocidade, um torneio inter-bandos para disputa de um Totem, que ficará na posse do 1.º classificado e será novamente disputado em próximo concurso.

As provas constam de diversas matérias da 1.ª e 2.ª Estrela.



AMBIÇÃO

Naquele vale pitoresco, um aldeão, chamado Belchior, possuía uma modesta casinha, um pomar que, na estação própria, se constelava de frutos, uma seara e uma horta em que a água chilreava nos canteiros. Sua mulher, Joana, era uma linda e bondosa moçoila. Um filho, louro como o trigo e branco como o luar, brincava no berço. Nas arcas de madeira abundavam o cereal e o linho. As aves, na capoeira, cresciam, gordas e bem tratadas. Uma junta de bois ruminava, pachorrentamente, enquanto, na estrebaria, um lindo cavalo mastigava a sua ração de fava.

Ora o nosso homem vivia satisfeito no seu casal até certo dia em que foi à cidade. Ao contemplar palácios surpreendentes, automóveis transportando senhores abastados, fumando charutos caros, fez, pela primeira vez, o confronto com a sua mediania e, ao regressar, sentiu-se tomado de uma imensa mágoa.

Comparou a sua casinha com as vivendas deslumbrantes da cidade, a sua carroça com os automóveis luxuosos, os vestidos humildes de Joana com os setins, os veludos e outros tecidos preciosos que encontrara. Começou a entristecer.

Sua mulher que, por muito o estimar, lhe lia na alma, perguntou-lhe qual o motivo da sua preocupação. Belchior iludiu, várias vezes, a pergunta, até que, certa vez, lhe respondeu, um tanto desabridamente:

— Vejo que trabalho muito e não tenho nada, enquanto outros têm riquezas, palácios, automóveis e ricos fatos...

— Oh, homem! — observou a boa Joana — Não és dos mais desfavorecidos. Tens uma casa, uma horta, seara, pomar. Possuis ainda um pecúlio menos mau na Caixa Económica. O que tu deves é dar graças a Deus...

Cabeçudo, Belchior contrariava a mulher.

Assim se passaram alguns meses. O homem entristecia a olhos vistos. Já não o ouviam cantar quando encaminhava os bois na lavra. Com pretexto ou sem ele, ralhava com Joana ou com os seus trabalhadores, que perguntavam, uns para os outros, à boca pequena:

—Que diabo terá o patrão que anda tão esturrado?

Certa manhã, um automóvel parou na estrada. Um indivíduo aproximou-se do casal, enquanto no carro ficava uma senhora.

Belchior foi atender. O recém-chegado pediu um pouco de água, pois o motor do automóvel vinha a ferver. O camponês satisfez, prontamente, o solicitado. Enquanto Belchior deitava a água no veículo, o tal indivíduo observou:

— O senhor é que é o dono desta quinta?

— Sim, meu senhor.

— Então deve ser muito feliz. Isto é um verdadeiro paraíso. O pomar está bem cuidado. A horta é um verdadeiro mimo. É casado?

— Sou. — respondeu Belchior— E tenho um menino com dez meses...

— Como eu o invejo, meu caro senhor. Como se chama?

— Belchior. — respondeu o camponês.

— Como eu o invejo, torno a dizer...

Belchior ficou surpreendido:

— O quê? O senhor inveja-me? Pois eu cá, com sua licença, acho que não tenho nada que invejar... Há quem seja rico, e eu não. Há quem tenha bons automóveis, belas jóias, ricos palácios e eu apenas possuo aquilo que o senhor vê.

—Pois olhe, senhor Belchior. O senhor é saudável?

— São como um pero. — retorquiu o camponês.

—Tem um filho, não é isso?

—É verdade que sim. E não é por me gabar, mas é uma verdadeira estampa. É a cara da mãe — observou Belchior, com enlevo

— Pois olhe, senhor Belchior, eu, graças a Deus, sou rico. Deve ter ouvido falar na Quinta da Bela Vista, que fica no lado de lá daquele rio que se avista daqui?

— Conheço, sim senhor.

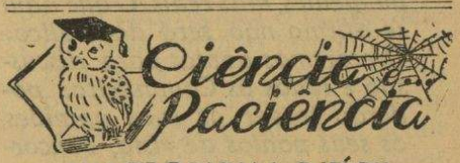
— É minha propriedade. Eu sou o Dr. Bessone. Além dessa quinta, possuo dois palacetes, este automóvel, etc. Minha mulher tem todas as jóias que deseja, mas sofre de uma doença incurável. E a nossa maior infelicidade é não termos um filho, o filho que eu e ela tanto ambicionávamos. Quando vê uma mendiga com um filho, minha mulher inveja a pobre pedinte, que, apesar da sua miséria, tem um tesouro que ela não pode possuir, com toda a sua fortuna... Já vê, senhor Belchior, que o dinheiro não nos pode dar tudo.

E, diante do olhar esbugalhado do camponês, o Dr. Bessone concluiu:

— Senhor Belchior, quando se julgar infeliz, não olhe para os que vivem melhor. Lembre-se sempre dos que vivem pior, dos mendigos, dos paralíticos, dos doentes incuráveis, dos cegos, dos que apodrecem nos hospitais e nas prisões. E, como vê, nem todos os ricos são felizes. Apesar da sua fortuna, quantos não conseguem tornar em realidade os seus sonhos, sonhos esses tão simples que estão ao dispor dos pobres. Ora, o senhor Belchior é um lavrador, ainda que modesto. A seu lado vivem uma companheira carinhosa e um filho encantador. De que mais precisa para ser feliz?

Belchior ficou a meditar nas palavras sensatas do Dr. Bessone, que, embora abastado, não era feliz. À sua face tornou o sorriso doutrora. E, daí para o futuro, ao contemplar, com enlevo, a família, a casinha emoldurada em buganvílias, a horta de águas cantantes, a seara verdejante, o pomar coberto de frutos doirados, a junta de bois pacíficos ruminando, o cavalinho negro trotando, nervosamente, pela estrada, sentia-se contente com a sua sorte...

MANUEL FERREIRA



UM PROBLEMA DIFÍCIL

O Carlos conseguiu resolver o problema proposto pelo João e, por isso, ouve entusiasmo na Patrulha Veado. Verificou ele que se tratavam de grupos de 18 ou 20 ou 24 escoteiros. Em primeiro lugar, o Carlos procurou um múltiplo comum. Teve: $24=2\times2\times2\times3$. $20=2\times2\times5$. $18=2\times2\times3$. O menor múltiplo será $2\times2\times2\times3\times3\times5=360$, mas é demasiado pequeno porque é inferior a 500. Procuremos um múltiplo superior: $360\times2\times720$. Este número convém pois 360×3 dá um número superior a 1.000. Basta juntar os nove escoteiros, que sobravam, ao número acima para termos o resultado — 729 escoteiros.

Ajudaram o Carlos na solução do problema os nossos irmãos escoteiros:

António da Encarnação Amêndoa, solução recebida no dia 3 e tem, portanto, direito ao volume «Para ser Escoteiro» do Prof. Floriano de Paula.

Eurico Augusto, recebida no dia 4;

José Alberto Figueira Guerreiro, de Faro, recebida no dia 6.

A estes nossos amigos será enviada a obra «Desporto, Cinema e Educação» do Prof. Dória.

O Caminheiro e a Vida

«Sempre Pronto» dá hoje início a uma nova Secção destinada a Caminheiros. Procuraremos aqui debruçar-nos sobre os problemas da vida, analisando-os, de forma a que possam constituir uma sétia meditação. O Escotismo tem sido, por vezes, acusado de formar uma mocidade idealista sem uma clara compreensão dos problemas da vida. Nada mais errado. Desde o Lobitismo, o rapaz é habituado a estabelecer uma nítida diferença entre o seu ideal, aquilo que constitui o seu dever, e o mundo em que vive. Os bandarlog *constituem a primeira tentativa para que os mais novos membros do Movimento se habituem a estabelecer nítida fronteira entre o seu ideal e as realidades da vida. Depois, o Escoteiro é posto como companheiro de S. Jorge, chamado ao combate duro contra o Mal, simbolizado no Dragão. Finalmente, o Caminheiro segue para as portas da Vida, é lançado no Caminho, onde irá afirmar a sua personalidade, cujos traços profundos de carácter se formaram nas lides do Grande Jogo. O trilho é cheio de esperança e sem dúvida, essa esperança que anima sempre a mocidade, mas a vereda é áspera, oferece surpresas, subtis tentações, experiências difíceis e, por isso, o Caminheiro procura conhecer o terreno que vai pisar. Esta nova Secção procurará, portanto, trazer aqui os problemas da Vida, por vezes pungentes, mas reais. O que aqui se afirma não será dogmático. Oferecemos pontos para discussão e todos os Caminheiros poderão trazer as suas opiniões, os seus pontos de vista, concordar ou discordar das ideias expressadas. Não é necessário forma literária, mas apenas sinceridade de convicções, mentalidade escoteira, desejo de saber. Todos os Caminheiros são pois convidados para a tertúlia.*

RESPONSABILIDADE PATERNAL

No mês passado, os jornais noticiaram um caso de polícia que provocou a mais justa indignação pública. No Campo Grande, fora encontrada uma criancinha de poucos dias abandonada numa vala. A Polícia, posta em campo, depressa descobriu a mãe da infeliz, uma serviçal que nesse próprio dia saíra de uma Maternidade. Causa arrepios pensar que uma mãe possa assim, insensìvelmente, lançar uma filhinha para uma cova e fugir enquanto escuta os vagidos daquela que é fruto das próprias entranhas. Especialmente as senhoras, cuja sensibilidade é apurada pelo instinto maternal, afirmaram justamente a sua repulsa por tão nefando acto. A Polícia averiguou, depois, que a serviçal teria sido levada àquele crime pelo desespero de se ver lançada na vida com uma criança nos braços sem ter possibilidade de angariar o sustento tão necessário no transe difícil em que se encontrava. Reconheçamos que deve ser tremenda a aflição de uma criatura nessas circunstâncias. Acostumada a viver do trabalho dos seus braços, numa profissão incompatível com a presença de uma criança, achar-se agora isolada no mundo, naquele terrível isolamento que só uma grande cidade pode proporcionar, com esses braços, de que inteiramente depende a sua subsistência, imobilizados e ocupados pela filhinha, será certamente dilema confrangedor, que, se de forma nenhuma poderá justificar ou desculpar tão desumano atentado, nos obriga, no entanto, a olhar com mais compreensão a desgraçada que cometeu tal desatino.

Quanto a nós, encarando o assunto pelo prisma de uma consciência escoteira, parece-nos que còmodamente oculto, existe um criminoso muito maior, aquele que teve a coragem de abandonar mãe e filha às contingências de uma vida incerta de sofrimento e miséria, sem se apresentar a assumir as responsabilidades do acto que deu origem ao nascimento daquela infeliz criancinha. O pai é, sem dúvida, o grande criminoso. Estivesse ele presente a cumprir o dever e aquele crime, felizmente sem consequências para a criança, não se teria dado.

Embora a mãe, pelas naturais funções biológicas da mulher, tenha forçosamente de surgir com o filhinho nos braços e não possa, portanto, desembaraçar-se das suas obrigações com a mesma facilidade do homem, o certo é que a criança é herança comum dos dois progenitores, portadora em igualdade de circunstâncias dos genes paterno e materno. Se compete à mãe a honrosa missão de dar à luz o filhinho, o facto não isenta o pai das suas enormes responsabilidades. Exactamente porque é homem, no momento da nascença do filho, está obrigado a atender às necessidades não só da criança, mas também da mãe. Aquele que indignamente se esconde e cruelmente abandona quem tinha obrigação de amparar, dá origem a tais actos de desvairamento. Esse é o grande criminoso, sem poder contar sequer com a atenuante que à mulher talvez caiba.

* * *

Trouxemos este caso triste para primeiro trabalho desta Secção, não só porque nos pareceu que foca um aspecto da vida que deve ser meditado pelos Caminheiros, mas também porque a sociedade olha com demasiada benevolência muitos desses indivíduos — que os há em todas as classes — que reduzem a sua qualidade de homens à mais abjecta animalidade e voltam indignamente as costas ao maior dever, a responsabilidade pela criação e educação dos filhos, deixando tantas vezes essa espinhosa missão inteiramente a cargo da mulher.

Porque são muito importantes as obrigações de pai, não se limitando ao sustento dos filhos, mas atingindo todos os aspectos da educação, parece-nos imperioso que o Caminheiro seja devidamente esclarecido em tão grave assunto. Ele será em breve chefe de família e deve, portanto, ter uma consciência esclarecida. Ao pai cumpre interessar-se constantemente pelo filho, acarinhá-lo, rodeá-lo de simpatia e confiança para que a sua personalidade se forme sem crises que perturbarão o carácter, deve ajudá-lo nas suas experiências e, especialmente se for rapaz, constituir para ele a pessoa de confiança que o aconselha e anima nas primeiras dificuldades da vida.

A educação de uma criança exige a permanente presença do pai e da mãe. Aqueles lares que se dissolvem porque os pais não conseguem viver em comum, atentam contra a personalidade dos filhos directamente atingidos pela destruição do lar.

Não há maior honra para o homem do que ser pai. Por isso, deve ser digno dessa qualidade e sacrificar-se para que o filho seja rodeado de todos os cuidados e possa ser preparado física, intelectual e espiritualmente para a vida.

Que os Caminheiros possam contribuir para a formação de uma consciência social que não ofereça tréguas àqueles que vilmente atraiçoam o seu mais alto dever, e isole tão abjectos membros do género humano num ambiente do mais duro desprezo.

LOBO VELHO

N. da R. — A Redacção convida todos os Caminheiros ou mesmo os Antigos Escoteiros a discutirem as ideias expressas neste artigo.

O «SEMPRE PRONTO»
Vende-se na «Agência EVA»
Rua Nova do Almada, 68
LISBOA

Escoteiro ou Escuteiro?

O Sr. Eng.º Nobre Santos, ex-Escoteiro-Chefe-Geral e ilustre dirigente escoteiro, depõe no inquérito do «Sempre Pronto»

(*Continuação do número de Fevereiro*)

A complicação começa por existir para as pessoas que criam ou idealizam a inovação; estende-se depois às pessoas que precisam ou pretendem adquirir a nova ideia, e, se o facto transpõe fronteiras, vem a complicação de arranjar, na outra língua, uma palavra que possa exprimir correctamente o que se pretende, mas quantas vezes, a palavra equivalente noutra língua, da do inovador, não se adapta à nova ideia que se lhe quer impor, embora na língua de origem essa acomodação possa ser perfeita. (Isto resulta de, por vezes, o sentido da mesma palavra da língua base de duas línguas que se diferenciaram, poder ter evoluído diferentemente). Mas, por vezes, essa perfeição de acomodação na língua de origem é mais aparente, para nós, do que real, pois que, por muito bem que se saiba uma língua estrangeira, nunca a nossa compreensão do âmago dos significados vai ao ponto de ser tão perfeito como o daqueles que nasceram e sempre viveram falando essa língua.

Quantos exemplos, do que acaba de se frisar, não se poderiam citar?

Para ver um só exemplo tomemos a palavra *automóvel*. Haverá hoje quem não saiba o que isso é? No entanto, a ideia base da palavra é a de qualquer coisa que se move por si próprio; mas a locomotiva de combóio, um carro eléctrico, um avião, um barco a motor, uma pessoa, todos os animais superiores são «automóveis» nessa acepção base e, no entanto, para se pensar hoje nesse significado base é que é preciso fazer um esforço de análise e ter certos conhecimentos.

Não vamos mais adiante com exemplos destes, eles seriam aos montes mesmo só com palavras vulgares, pois que com palavras de designação de instrumentos e peças dessas máquinas ou instrumentos novos que a ciência e a técnica põem à nossa disposição, mais a coisa se complica; a complicação é tal que nos vemos forçados a criar comissões de normalização especialmente encarregadas de uniformizar as designações (além de outras funções que podem ter).

Como se resolvem estas dificuldades nos dicionários, de modo a não estabelecer a confusão nos espíritos e antes, pelo contrário, esclarecê-los, pois é essa a sua função?

— Nos de fraca categoria, apresentam um ou poucos mais significados e ignoram os outros;

— Nos de tipo médio, já aparecem mais significados, por vezes obedecendo a certa ordenação de acordo com as relações existentes entre as várias ideias que traduzem;

— Nos bem organizados, aparecem todos os significados conhecidos, bem destrinçados uns dos outros, por vezes separados por números ou qualquer outro sinal de modo a separar bem os vários sentidos em que a palavra pode ser empregada;

— Nos melhores, transpõe-se o cuidado dos anteriores citando textos de bons escritores onde a palavra tenha sido empregada nos vários sentidos em análise.

Depois deste arrazoado, resta-me pedir desculpa pelo tempo que lhes ocupei com esta divulgação geral, mas se o fiz foi com o propósito de rematar dizendo que com a palavra *Escoteiro* (rapaz que faz parte duma organização educativa idealizada por B.-P.) sucedeu o mesmo. Vejamos como:

1.º — Ao tempo do aparecimento do Movimento de B.-P. já havia na nossa língua as palavras: (1)

— Escoteiro (Adj.) = lesto, ligeiro, diligente, que anda sem bagagem.

— Escoto (nome próprio) = aportuguesamento do nome de John Duns Escotus, um padre Franciscano do Sec. XIII-XIV que seguiu o pensamento filosófico escolástico introduzindo-lhe certas ideias próprias a que alguns chamaram Escotismo (Sco'tism — em inglês) designando-se, então, por Escotistas os seus discípulos e aqueles que perfilhavam essas ideias.

— Escuta = do verbo escutar = ouvir com atenção. Daqui deriva o Escuta (como substantivo) que é aquele que ouve com atenção; também se diz de tudo aquilo que se destina à observação ou presentação auditiva, como: posto de escuta nas operações militares, nas de radiodifusão, de radar e, até, meta-se um pouco do meu profissionalismo, na detecção de fugas em canalizações de distribuição de água potável aos aglomerados populacionais.

(*Continua na página seguinte*)

(1) Foi aqui um dos pontos em que me fez falta ter bons dicionários de português para consultar, mas julgo que o principal não terá escapado e estará certo.

ALGO PARA PENSAR

Irmão Escoteiro: Tu talvez tenhas sido vítima de um mal bastante comum, do qual poucos se podem excluir, e que faz a vida pesada e sem sentido, ou pelo menos lhe tira grande parte do seu incalculável valor.

Este mal chama-se *Rotina*. Se tens a desgraça de possuí-lo, desfaz-te dele, e quanto antes melhor.

A Rotina é aquilo que nos faz ver as coisas mais importantes como algo sem nenhum valor, pelo facto de as fazermos com frequência; e, assim, de onde poderíamos tirar grande proveito, só tiramos uma grande dose de aborrecimento ou não tiramos nada. O que se torna, ou, melhor dito, o que tornamos rotineiro, fica simplesmente insuportável e parece-nos sem valor nenhum embora tenha o maior valor.

E a culpa de que isto suceda é nossa e de mais ninguém, já que não damos a nossos actos diários a atenção que merecem. Fazemos as coisas mais importantes com o espírito inteiramente afastado delas, e, onde não há espírito, não há nada.

Se já não te dá entusiasmo fazer a tua Boa Acção diária ou a fazes simplesmente para cumprir, tornou-se rotineira. Se as actividades da tua vida escoteira não representam já grande coisa para ti, talvez o Escotismo se esteja tornando rotineiro. Se te parece que a Missa do Colégio, todos os dias, é algo desnecessário, e ainda mais, bastante aborrecido, o maior acto da nossa Religião tornou-se rotina. Se já ouves esses grandes princípios do nosso Movimento: Deus, Pátria e Lar, sem sentir algo que te comova ao pensar no seu profundo significado, ou se essas virtudes que devem caracterizar a um Escoteiro não têm já sentido para ti, tudo isto se tornou rotineiro e algo no teu íntimo necessita renovar-se completamente.

A vida é grande e o seu valor deriva única e exclusivamente da grandeza dos nossos actos. Portanto, estes devem ter vida, devem ter espírito, e onde há rotina não há vida, não há espírito, não há nada.

A questão é séria. É para ser pensada e decidida. Ou pomos todo o coração na nossa vida diária e em seus actos ou não vale a pena a nossa vida.

AVESTRUZ ALEGRE

Revista Scout de las Americas — Dez. 1956.

Escoteiro ou Escuteiro?

(*Continuação da página anterior*)

2.º — Aparece o Movimento de B.-P. que utiliza a designação de «Boy-Scout» e para ver o que se passa no próprio inglês consultei dois bons dicionários: «The Oxford English Dictionary» constituído por 13 grandes volumes, edição de 1933 e que é inglês; o «Webster's New International Dictionary» um grosso volume de 3210 págs., edição de 1949 e que é americano.

Seria interessante transcrever tudo o que dizem sobre as palavras «Boy», «Scout» e «Boy-Scout» e seus derivados, mas isso ocuparia vários números do vosso jornal, pelo que registo só alguns tópicos.

Para «Boy» vem uma lista de 9 significações mais ou menos diferentes!... Quem diria que tal palavra—rapaz, em português—podia ser empregada de tantas maneiras e sentidos?

Para «Scout» traz o «Oxford» 8 palavras de significações diferentes e a uma delas corresponde ainda 8 variantes — portanto ao todo 16; no «Welbster» vêm 21 significações e variantes!... e neste último numa delas diz-se sòmente isto: Veja-se «Boy-Scout» e «Girl-Scout» querendo com isto significar que nestas palavras compostas há uma ideia totalmente nova da palavra simples, e que portanto, convém colocar um pouco à parte.

Esses dicionários elucidam-nos, ainda, sobre as formas antigas de grafia da palavra, de que indico algumas: «scoute», «skowt», «scowt», «scut», «scaut», «schut», «schout», «scoot», etc.

Citam-se frases de autores de épocas remotas, até aos nossos tempos, aparecendo muitas citações de B.-P. para apresentar a nova ideia por ele introduzida na palavra.

De todas as significações não resisto a apresentar aqui algumas:

— Espécie de rocha dependurada de altos alcantilados.
— Tipo de barco holandês usado nos rios.
— Acção de escutar (que vem do latim «auscultare» e que deu em português escutar, no italiano «oscoltare» e no francês «écouter») (1).
— Acção de espiar ou escutar para obter informações.
— Tudo o que (homem, força militar, navio, avião, carro blindado—tanque—etc.) é enviado para reconhecer as posições do inimigo.
— Aquele que observa.
— Relógio de algibeira (empregado às vezes em calão inglês).
— O rapaz que é enviado à procura das bolas e dos pombos caídos, no «criket» e no tiro aos pombos.
— Nome de alguns pássaros marinhos em certas regiões inglesas.
— Homem ou rapaz que trabalha com outros e designação que se dá aos companheiros em algumas universidades.
— Também se emprega às vezes como campo ou terreno sem edificação.
— Acção de regeitar com desdém ou desprezo qualquer ideia, por se considerar como absurda.

Por último, folheando o dicionário até à palavra «Boy-Scout» vejo: rapaz que faz parte de uma organização educativa do tipo criada por Baden-Powell e cujos princípios e organização são... (fico-me por aqui).

Verifica-se, pois, quanto é vasta a amplitude do emprego da palavra «Scout». Não há dúvida que as ideias bases que devem ter servido a B.-P. para a adopção da palavra devem ter sido as que correspondem às de guarda avançada do exército, à de pioneiro e de explorador no mato e floresta, mas, ao adoptá-la, logo lhe introduziu a ideia fundamental da necessidade de preparação das qualidades de observação (tanto visual como auditiva e outras), a de força de vontade, de necessidade de boa camaradagem e amizade para com os companheiros e os outros, de altruísmo, etc. Mas todas essas qualidades que são necessárias a um explorador, guarda avançada, batedores ou rondadores de mato—digamos a um «scout»—se bem que necessárias, não fazem parte da ideia base da palavra; um «scout» na acepção que vimos de considerar precisa de saber escutar, mas não é um posto de escuta; precisa de observar e por vezes de espiar, mas não é um espião. Esta destrinça que tem de se fazer entre o que é e as qualidades que deve ter um «scout» é importante e, por isso, embora a palavra tenha como raiz longínqua o «auscultare» do latim, no entanto já muito de novo foi introduzido no seu significado base para que devamos estar agarrados ao «escuta» que, essa sim, continua a ter entre nós o primitivo significado — aquele que ouve ou escuta—enquanto que entre nós a evolução se deu de modo

(*Conclui na página seguinte*)

(1) Observe-se a grafia italiana com o no ponto em causa e que a palavra francesa «scout» não foi buscar a sua origem ao «écouter».

«Jambori do Ar»

Para amadores de Rádio

Um Jambori do Ar Escoteiro será realizado em 10 e 11 de Maio próximo, data em que todos os amadores de rádio através do Mundo, que estejam interessados no Movimento Escoteiro, são convidados a procurar estabelecer contacto com qualquer outro membro do Movimento. O acontecimento está sendo expressamente organizado para que posssa vir a constituir uma cadeia de amizade e fraternidade ligada ao Escotismo.

A ideia foi sugerida pelo êxito da estação de rádio de onda curta montada no Jambori do Jubileu, no último ano, em que foi estabelecido contacto com mais de oitenta países.

As estações que tomam parte no «Jambori do Ar» poderão operar a qualquer hora desde a meia noite de 9 de Maio até à meia noite de 11 de Maio, horas locais, em qualquer banda de postos amadores e com qualquer equipamento de harmonia com as licenças reguladoras destas actividades.

Além da participação individual, espera-se que estações de rádio serão estabelecidas nas Sedes Centrais e nos campos permanentes de cooperação com os clubes e sociedades locais de rádios amadores. A todos os amadores participantes se recomenda que devem observar estritamente as normas legais.

O «Jambori do Ar» não é um concurso e não serão estabelecidos prémios para o operador que fizer maior número de contactos.

Está planeada uma estação especial em cooperação com o Campo Escola de Escoteiros-Chefes de Gilwell Park, perto de Londres, em Inglaterra. Esta será operada pela Sociedade de Rádios Amadores de Wanstead and Woodford.

N. da R. — Certamente que entre os Amadores de Rádio Portugueses haverá antigos escoteiros que desejarão participar nesta tão simpática iniciativa. «Sempre Pronto» gostaria de dar a conhecer os contactos estabelecidos pelos amadores portugueses através do «Jambori do Ar», pelo que agradece as informações que lhe forem transmitidas nesse sentido.

Novos Assinantes

Ao nosso novo apelo para novas assinaturas, houve um bom amigo que correspondeu de uma maneira verdadeiramente expressiva. Foi o dedicado escoteiro de Faro, Sr. Francisco da Silva Maurício, que nos mandou 9 novas assinaturas. Bravo!, amigo Maurício, aceite os nossos agradecimentos.

Os srs. José Eduardo Pena Ribeiro e José Dionísio dos Santos, dois amigos dedicados que têm marcado a sua presença nesta campanha, enviaram-nos mais uma assinatura cada um. Recebemos ainda outra directamente. Portanto, mais 12 assinaturas. Total 149.

Falta a sua colaboração ainda — caro Leitor!

Escoteiro ou Escuteiro?

(*Conclusão da página anterior*)

a haver outras palavras para traduzir essa ideia do «Scout» e a de «Boy-Scout» de B.-P. entre as quais há quase uma distância intransponível.

3.º — Vimos já que, ao introduzir-se em Portugal a organização de B.-P., a primeira ideia que presidiu à adopção da designação foi a do emprego da própria palavra inglesa; contudo foram também usadas, entre outras, as palavras:

— *Adueiro* — cujo significado primitivo é, aquele que explora ou vai à frente; é também empregado como pastor, por isso que ele vai à frente a guiar o gado.
— *Explorador* — aquele que vai batendo o mato, que vai em reconhecimento, se bem que possa significar, também, aquele que exturque o dinheiro ou o trabalho (e aqui está um caso bem frisante de significados bem diferentes duma mesma palavra).

A estas duas palavras, talvez melhor do que qualquer outra, se adaptaria à ideia primitiva de «Scout» e por isso nos países de língua espanhola e em Itália diz-se «Explorador» e «Esploratori» e em francês «Eclaireur» que significa, também, explorador, aquele que vai à frente para esclarecer (ou aclarar) a situação — é o vedeta, o que vê.

Contudo, entre nós foi também adoptada a designação de «Escoteiro» e as razões que me parece ter havido para tal são duas:

a) Era uma palavra que se adaptava, ou se adaptou, à palavra inglesa e sua evolução entre nós.

b) Havia entre nós a palavra «Escoteiro» que se refere àquele que é *lesto, ligeiro* (desembaraçado) e que por extensão do significado base pode ser empregada para designar *aquele que anda à ligeira, sem bagagem* e que pode ser empregado, ainda, deturpando já um pouco o sentido base, *como aquele que tem ligeireza de pensamentos,* que *é despreocupado*; mas se vamos levar em conta todos esses contras ou sentidos pejorativos não poderemos adoptar, também, as palavras escuta e explorador.

4.º — Existiu, é certo, um John Duns Scotus, um filósofo, o último dos grandes pensadores escolásticos, julgo que de origem escocesa; daí a designação de «Sco'tism» ou em português, por adaptação da palavra — Escotismo — para designar essa corrente de ideias que ele defendia. Mas essa corrente filosófica não teve grande repercussão e mesmo entre os filósofos não é grandemente conhecida pela designação de «escotismo» pois que está integrada na corrente do pensamento Escolástico ou Tomista. Sendo assim, muito menos é conhecida pela maioria do público, circunstância que faz com que não invalide a possibilidade do emprego da palavra «Escoteiro» (que como vimos é bem portuguesa), nem as que daí possam derivar, tais como «Escotismo» para designar o movimento educativo praticado pelos «Escoteiros». Adoptando-se a palavra «Escotismo», teremos mais um exemplo de palavras que com a mesma grafia, têm significados muito diferentes, pois que derivam de palavras bases diferentes, com significações diferentes, embora grafias que dão origem a palavras derivadas com grafia idêntica. Tal facto é bastante vulgar e não pode ser razão para nos obrigar a adoptar outra palavra, que, de resto, tem outros defeitos, iguais ou maiores.

Concluindo:

a) Não parece descortinar-se uma origem muito convincente para a palavra «Escuteiro, no sentido que estamos tratando, a partir de *escuta* e *escutar.*

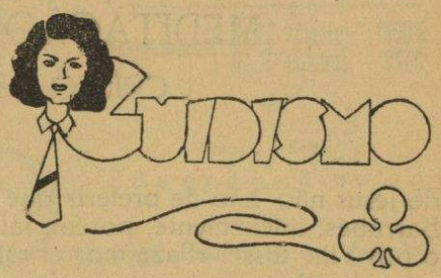
b) Parece bem justificada a origem da adopção da palavra «Escoteiro», que é a designação mais antiga e foi adoptada por pessoas conhecedoras dos segredos da língua (1) além de continuar a ter muitos adeptos mesmo, actualmente, entre os Académicos da língua Luso-Brasileira.

c) A palavra «Escoteiro» é a de mais antiga adopção entre nós e tem adeptos mesmo entre os Académicos, decerto pelas razões expostas, e talvez outras.

d) Existia já na língua portuguesa a palavra «Escoteiro» e o seu significado primitivo não deixa de se adaptar à nova ideia do «Boy-Scout» criada por B.-P., embora tendo de se lhe fazer o adicionamento dessa nova ideia complementar, o que, de resto, acontecerá com qualquer outra palavra e aconteceu, também, no próprio inglês.

José Maria Nobre Santos

(1) Por exemplo o prof. Dr. Sá Oliveira, conheci-o eu como meu professor de Latim e Português, no Liceu de Pedro Nunes, onde era distinto professor e reitor.



Dia do Pensamento

As Guias de Portugal comemoraram o Dia do Pensamento, a 22 de Fevereiro, data do aniversário do nascimento do fundador do Escotismo e de Lady Baden-Powell, Chefe Mundial Guia. Neste dia, as guias de todo o Mundo estão reunidas lembrando-se das suas irmãs de qualquer nacionalidade, credo ou raça.

A concentração fez-se às 15 h., nos terrenos anexos ao Colégio Infante Sagres, e aí realizaram diversos jogos de campo, tiveram uma merenda, tendo efectuado ainda outros jogos de conjunto.

Ao fim da tarde, as Guias realizaram o seu fogo de conselho. Estiveram presentes as sras. Condessa de Estarreja, Comissária Nacional; D. Maria de Meneses e Vasconcelos, Comissária Internacional; Dr.ª Maria Helena de Faria, Secretária Geral; D. Ingrid R. Figueiredo, Instrutora da Escola de Chefes; Chefes D. Júlia Pena Ribeiro e D. Sara Serra, bem como as Chefes das Companhias presentes. Foi desenvolvido um animado programa de canções, danças, pantominas, etc. No final, foi lido o texto de um telegrama de saudação que as Guias de Portugal enviaram à Repartição Internacional de Guidismo e na qual afirmavam que, nesse dia, estavam pensando na Chefe Mundial e em todas as irmãs guias.

Companhia Filipa de Vilhena

Esta Companhia realizou no dia 9 do corrente, na Igreja Presbiteriana Lisbonense, um culto de acção de graças por motivo do 2.º aniversário da sua fundação.

Ao acto presidiu o Pastor da Igreja, Rev. Carlos Augusto de Vasconcelos. A subchefe D. Hermínia Pinto evocou a figura de D. Filipa de Vilhena, apontando-a como exemplo de serviço a Deus e à Pátria, como uma verdadeira Guia de Portugal.

A Guia-Chefe D. Júlia Ribeiro entregou à Companhia o seu novo estandarte, que foi oferecido pelo sr. Feliciano Negreiro. Neste estandarte foi colocada a estrela do segundo ano, pelo Pastor da Igreja. A chefe da Companhia, sr.ª D. Sara Serra, que terminou o seu serviço naquela unidade, empossou a nova Chefe, sr.ª D. Hermínia Pinto, tendo-lhe tomado o Compromisso de Honra. Após isto, a actual chefe tomou o compromisso das novas guias Maria Isabel Brás e Lucinda de Jesus Rodrigues da Silva. Na mesma ocasião, prestou compromisso a nova Guia Maria Celeste Garcia Baptista, que será uma das componentes da nova Companhia em organização na Ajuda.

Representando os dirigentes dos grupos de escoteiros evangélicos, o sr. Eduardo Ribeiro saudou as chefes da Companhia Filipa de Vilhena e felicitou o Rev. Vasconcelos e a Igreja pelo patrocínio dispensado à Companhia de Guias e ao Grupo de Escoteiros n.º 8.

O Rev. Vasconcelos proferiu, então, uma inspiradora mensagem, na qual pôs em relevo os deveres dos escoteiros no serviço de Deus e da Pátria, tendo afirmado que aquele que ama a Deus, serve a Pátria, servindo a Deus.

Ao acto assistiram a Companhia de Guias Rainha D. Leonor e suas chefes, os Grupos de Escoteiros n.ºs 8 e 94 e seus chefes, e um representante do Grupo 10.

MEDITAÇÃO DA PÁSCOA

CRISTO ou BARRABÁS?

(Conclusão da 1.ª página)

de Jesus não hão-de preferir que lhes solte um homem perigoso como Barrabás. Infelizmente, porém, tal não aconteceu. Antes, pelo contrário, o povo lhe disse: «Faze morrer este e solta-nos Barrabás. E Barrabás era um salteador, um revolucionário, que fazia jus à alcunha que lhe deram, «o homem do punhal». Este fora preso por causa de uma sedição e de uma morte. Foi a este homem que escolheram para ser solto. E a Jesus? — crucifica-O, crucifica-O. Eis aqui a mais trágica de todas as escolhas. Escolheu mal o povo judeu. E nós, como escolheremos?

Na minha terra (S.Miguel-Açores), todos os dias quando ia e vinha da escola, passava por certo sítio a que chamavam «trincheira». Tratava-se de um muro de meio metro de largura e de outro tanto de altura para o lado do caminho. Mas para o lado de fora era alto, muito alto. Lá em baixo viam-se os penedos e ouvia-se o bramir das ondas. Mas o que me admirava e até enchia de pavor, talvez por ser muito tímido, era ver crianças correr por cima daquilo que chamavam «trincheira». E mais ainda me assustava quando, às vezes, ao cair da tarde, encontrava alguns pescadores deitados ali, dormindo a sono solto.

Permiti que tire deste simples incidente uma lição. Às crianças que corriam por cima de tão grande perigo, eu comparo aqueles que vivem neste mundo sem se aperceberem dos seus perigos, perigos de toda a espécie. Correm por cima do perigo iminente. Julgam-se seguros quando, afinal, têm os pés no abismo... Aos homens a dormir, comparo eu os cristãos que vivem tão despreocupados como se o mundo jamais acabasse, como se não houvesse nada de útil a realizar.

Conta-se que na antiga Grécia havia uma estátua, que atraía muitas pessoas pela sua singularidade. A dita estátua estava apoiada nas pontas dos pés, um pouco inclinada para a frente. Tinha asas nos pés. Na cabeça, tinha um topete na frente, ao passo que a nuca era completamente calva. Por baixo havia uma inscrição com os seguintes dizeres: Quem és tu? Porque estás inclinada e tens asas nos pés?—Eu sou a oportunidade. Estou inclinada para a frente e tenho asas nos pés para correr velozmente. E porque tens tu tanto cabelo à frente, quando na nuca és completamente calva?—E porque, como oportunidade, só me segurarão os que me prenderem de frente. Aqueles que me deixarem fugir, jamais conseguirão apanhar-me,

Temos escolhido, mas talvez nem sempre o tenhamos feito bem. Temos perdido oportunidades que jamais alcançaremos. Aproveitemos, pois, as oportunidades que se nos deparam hoje. Escolhamos sàbiamente. E, conforme a nossa escolha, assim será o nosso futuro.

Jovem Leitor: Usa do teu livre arbítrio, usa da tua liberdade, mas jamais abuses dela. Escolhe, mas escolhe bem, e, conforme a tua escolha, assim será o teu destino. Quem escolherás: Cristo ou Barrabás?.

SAUL DE SOUSA

III Reunião Geral de Escoteiros Chefes Evangélicos

Sessão Pública de Inauguração

No dia 25 do corrente, terça-feira, às 21.30 horas, realiza-se na sede do Grupo n.º 8, na Rua Febo Moniz, n.º 17, em Lisboa, a sessão inaugural dos trabalhos desta reunião de dirigentes escoteiros.

Do respectivo programa consta uma conferência pelo Rev. Hélcio Lessa sobre «Educando para a Vida», a promessa de alguns novos escoteiros do Grupo n.º 8, a entrega do galhardete do Concurso «Dedicação» à Patrulha Leão do Grupo n.º 10, actual detentora do mesmo, canções pelos escoteiros e guias, e a projecção de alguns filmes escotistas.

Dos amigos do "Sempre Pronto"

De Luto—Em Fevereiro passado, faleceu em São Paulo, Brasil, o sr. prof. dr. Eurico de Figueiredo, irmão dos nossos estimados amigos e antigos escoteiros srs. dr. Leopoldo de Figueiredo e João Pedro de Figueiredo.

O extinto era figura de grande prestígio intelectual, muito dedicado aos problemas educativos, músico de rara sensibilidade, quer como compositor quer como executante. Tinha estado em Portugal em 1952, tendo proferido, então, algumas conferências em Lisboa e Porto, que foram escutadas por escolhido auditório.

Em 1953, quando os Escoteiros de Portugal estiveram no Brasil, o Prof. Figueiredo hospedou em sua casa, além de seu sobrinho Eurico, um outro escoteiro, tendo cabido esse privilégio ao filho do Director do «Sempre Pronto».

A toda a família enlutada, tanto em Portugal como no Brasil, «Sempre Pronto» apresenta condolências sentidas.

Este número foi visado pela Comissão de Censura.



A VOZ DO CHEFE

A AMABILIDADE

Vocês já leram a história intitulada «*Kim*» escrita por Rudyard Kipling?

Pois bem, eu já a contei, ainda que a traços largos no «*Escotismo para Rapazes*» e falei do sobrenome que deram ao jovem Kim: «o amiguinho do mundo inteiro». Chamavam-no assim porque era gentil não só para com os seus amigos como também para com todas as pessoas que encontrava.

Os escoteiros são como ele e é notória a sua reputação de serem amiguinhos do mundo inteiro. Têm-na merecido sobretudo por fazerem boas acções a qualquer pessoa e por dizerem «Não, muito obrigado» quando lhe querem pagar o seu trabalho.

Além disso, o escoteiro, indubitàvelmente, sabe sorrir ao fazer a sua tarefa e isto facilita muito as coisas. É difícil compreender porquê uma simples extenção dos cantos da boca faz uma tal diferença, mas enfim, a verdade é que a faz.

Um bom sorriso é uma coisa preciosa para se ter. Isso significa que vocês são felizes em fazer o trabalho em que se ocupam e que o fazem do coração e naturalmente isto dará prazer à pessoa para quem vocês trabalham.

O nosso fim é agradar a outrém e não a nós próprios. Eis onde aparecem a cortesia e a delicadeza. Se não mostrarmos toda a nossa delicadeza — ainda que a tenhamos — ao menos mostraremos a nossa boa vontade. A delicadeza consiste em *fazer ver* a sua boa vontade.

Na Noruega, quando eu me cruzava na estrada com um homem ou com um rapaz (simples trabalhadores que se dirigiam para as suas ocupações) eles tiravam o chapéu para me saudar, apesar de eu não os conhecer de parte alguma. Recordo-me de ter passado diante de quatro rapazolas que não tinham chapéu, os quais estavam sentados num banco. Pois eles puseram-se de pé quando nós, eu e o meu amigo, passámos defronte, e inclinaram-se; depois, voltaram a sentar-se. Eis uma simples cortesia. Mas olhem que estes noruegueses não eram aduladores, porque não há homens mais direitos nem mais viris que estes descendentes dos Vikings.

BADEN-POWELL